

# Sarney admite participar ativamente da eleição de 92

RODOLFO FERNANDES

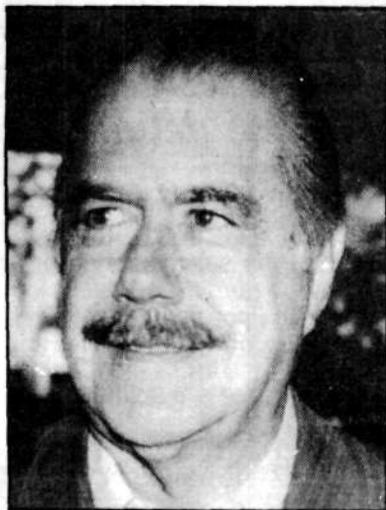
BRASÍLIA — Há quase dois anos fora do poder, o ex-Presidente José Sarney guarda muito pouco do político que deixou o Palácio do Planalto, tenso, cansado e desgastado. Num jantar com amigos, quinta-feira, na casa de sua filha Roseana, o ex-Presidente mostrou-se falante, animado e com vários projetos, entre os quais publicar no começo do ano que vem um livro sobre política externa. Outros planos de Sarney, até agora mais remotos, são voltar a participar com intensidade da política nacional, possivelmente apoiando candidatos nas eleições municipais do ano que vem:

— Se for preciso, mais à frente, me engajar na discussão de alguns temas, certamente o farei.

Ele chegou à casa de Roseana acompanhado do Deputado César Maia (PMDB-RJ), com quem tivera longa conversa sobre a crise brasileira. Maia mostrou ao ex-Presidente dados de pesquisa feita no Rio, segundo a qual hoje o índice de rejeição a Sarney está na faixa de 17%, muito menor do que o do Presidente Collor.

— Sarney hoje dá voto — constatou Maia, arrancando um discreto mas significativo sorriso do ex-Presidente.

Entre várias revelações feitas em três horas de conversa, Sarney contou que durante seu governo, apesar de o PDT lhe fazer cerrada oposição, Maia certa vez



José Sarney

*'Dar murro na mesa só serve para machucar a mão. Fui acusado de ser omissivo, mas cumpri meu papel'*

contribuiu com idéias colocadas em duas folhas de papel sobre a conjuntura econômica de então.

Sarney não evitou falar sobre um só assunto, embora habilmente tenha evitado tocar no nome de Collor. Com sutileza, contudo, deixou claras algumas diferenças de estilo entre os dois.

— Dar murro na mesa não serve para nada, só para machucar a mão. Fui acusado de ser omissivo, de não tomar decisões, mas meu papel histórico era fazer a transição. Essa história de ter a caneta na mão é pura ficção — disse.

O ex-Presidente orgulha-se de ter preparado todo o terreno para Collor, o primeiro eleito diretamente depois dos militares, começar seu governo sem problemas:

— Nunca um Presidente fez o que eu fiz. Deixei as reservas

cambiais em cima, fiz um tarifaço para alinhar os preços públicos. Esse é um exemplo.

Sarney registra que deixou o Governo com reservas cambiais de US\$ 7,6 bilhões, ou US\$ 13 bilhões se forem computadas as "reservas sujas" — "polonetas" e outros papéis sem perspectiva de cobrança. Hoje, segundo ele, as reservas estão, no total, em cerca de US\$ 6 bilhões, incluindo as "sujas". Numa recente conversa com o Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, Sarney ouviu deste a disposição de socorrer o Brasil em caso de ocorrer uma queda nas reservas do País: "O Brasil não vai à hiperinflação por problemas de reservas".

Sarney fez uma avaliação da atual política econômica:

— O combate à inflação per-

deu o rumo.

Num inédito desabafo sobre as dificuldades de seu governo, reconheceu:

— O meu maior erro foi o Cruzado II — referindo-se ao pacote editado dia 17 de novembro de 1986, dois dias depois da esmagadora vitória do PMDB nas eleições em 22 Estados, que descongelou os preços abruptamente e deu no "badernaço" de Brasília.

— Nós tínhamos que fazer alguma coisa, então reuni a equipe econômica e disse aos Ministros Dilson Funaro e João Sayad: "Não tenho condições de decidir tecnicamente qual é a saída. Vocês se entendam e me tragam uma solução". Depois das reuniões, eles me trouxeram o Cruzado II, que foi um grande erro.

A participação de Sayad no episódio tem detalhes curiosos. Segundo o ex-Presidente, logo depois do anúncio do Cruzado II, o então Ministro do Planejamento o procurou e disse: "Nada disso vai dar certo".

— Tudo o que o Sayad me disse até hoje aconteceu. O problema é que ele não disse nas horas certas. Como eu iria voltar atrás das medidas depois de ter anunciado na televisão? Para mim, o Sayad é o melhor economista em atividade no Brasil, mas lhe falta capacidade executiva.

Sarney lembrou que Funaro não tinha detalhes do Plano Cruzado, idéia que nasceu da equipe de Sayad. Quando soube, foi contra e teve que ser convencido de sua viabilidade por Sayad. Só depois tomaria a dianteira e viraria o pai do Cruzado.

## 'Imagina se Dorothea tivesse namorado Mailson'

*Sarney acha que cairia com um caso Zélia-Cabral*

BRASÍLIA — "Imagina se no meu governo a Dorothea tivesse namorado o Mailson. O que aconteceria"? A pergunta feita pelo ex-Presidente José Sarney no jantar de quinta-feira foi respondida por ele mesmo: "Me derrubavam. No mínimo diriam: 'Esse sujeito vem lá do Maranhão para destruir a família brasileira'". Assustado com a repercussão internacional do romance da ex-Ministra Zélia Cardoso de Mello com o ex-Ministro Bernardo Cabral — tema de conversas que teve há duas semanas numa recepção na Espanha com a presença do Presidente Felipe González — Sarney deliciouse contando histórias sobre o ex-relator da Constituinte. Várias vezes, referiu-se a Cabral como "o boto", uma alusão ao Boto Tucuxi da lenda amazonense que aparece à noite para namorar as moças. Tendo convivido com Cabral durante toda a Constituinte, Sarney deu a entender que só se enganou com ele quem quis.



— No começo do Governo, Cabral foi ao Palácio e me disse: "Presidente, só vou romper com o senhor em uma única hipótese, se o senhor abdicar do mandato de seis

anos que a Constituição lhe garante".

Relator da Constituinte, Cabral entraria na campanha para reduzir o mandato de Sarney para quatro anos.

Outro episódio contado pelo ex-Presidente, para caracterizar o comportamento sinuoso de Cabral, foi a negociação com os militares sobre a anistia aos oficiais punidos pela Revolução de 64. Segundo Sarney, depois de fazer acordo com os ministros militares, Cabral mudou o texto de seu relatório, o que irritou muito o então Ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, que o convidou para longa reunião de madrugada. As 6 horas, depois de horas de conversa com Cabral, Leônidas acordou Sarney no Palácio da Alvorada:

— Presidente, passei a noite com o Cabral e está tudo resolvido.

Não estava. Cabral mudou novamente seu texto e deixou os ministros militares sem o que queriam.

Sarney não esquece do dia em que, de sacolinha na mão, Cabral chegou de surpresa ao Alvorada, com o Governador Amazonino Mendes — de quem hoje é inimigo político — para uma reunião. Quando Sarney entrou, Cabral tirou uma lata de patê de **fois gras** e uma garrafa de uísque 12 anos, justificando-se: "Presidente, sei que aqui não tem **twelve years**".